

Crítica ao discurso de manipulação religiosa em X-Men: Deus, ama, o homem mata, de Chris Claremont e Brent Anderson

Criticism of religious manipulation discourse in X-Men: God Loves, Man Kills, by Chris Claremont and Brent Anderson

Carlos Ribeiro Caldas Filho*
Nataniel dos Santos Gomes**

Resumo

Tomando como objeto de estudo o arco de história em quadrinhos Deus ama, o homem mata, de Chris Claremont (roteiro) e Brent Anderson (arte), o artigo apresenta uma crítica à manipulação do discurso religioso. Ainda que o objeto de estudo seja fictício, sua trama é verossímil, pois apresenta uma situação factível: um líder religioso eloquente, sociologicamente carismático, mas inescrupuloso, que usa discurso religioso para levar seus seguidores a fazer e a sentir o que ele quer que eles façam e sintam. O artigo apresenta o conceito de manipulação, especificamente no contexto do discurso religioso. Isto posto, apresenta o contexto histórico da produção de Deus ama, o homem mata, seguido de uma exposição a respeito dos X-Men. Apresentam-se a seguir síntese do enredo e análise do arco, e as considerações finais, que apontam para a relevância da crítica feita por Claremont e Anderson, mesmo depois de quatro décadas do seu lançamento.

Palavras-chave: Cultura pop e religião. X-Men. Discurso religioso. Manipulação religiosa.

Abstract

The starting point of this article is the comic arc God Loves, Man Kills, by Chris Claremont (script) and Brent Anderson (art), which presents a critique of manipulation in the religious discourse. Even though this object of research is fictional, its plot is plausible, as it presents a feasible situation: an eloquent and charismatic (sociologically speaking) religious leader who is unscrupulous, uses a religious discourse to make his followers to do and feel what he wants they do and feel. The article presents the concept of manipulation, specifically in the context of religious discourse. After this, the historical context of the making of God Loves, Man Kills and an exposition of the X-Men is presented. The plot is presented and analyzed, and in the final remarks, the article points to the relevance of Claremont and Anderson's critique, even four decades after its launching.

Keywords: Pop Culture and Religion. X-Men. Religious Discourse. Religious Manipulation.

Artigo submetido em 27 de agosto de 2024 e aprovado em 31 de julho de 2025.

* Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Teologia pelo Centro Evangélico de Missões, CEM. Professor no PPGCR - PUC Minas. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-0472-7250. E-mail: craldas2009@hotmail.com.

** Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. País de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-3911-1552. E-mail: natanielgomes@gmail.com.

Introdução

A palavra manipulação em seu sentido literal significa “tocar ou transportar com as mãos”. O Dicionário Aulete Digital apresenta seis possibilidades de uso da palavra, sendo que três destas são do interesse especial para o presente artigo, a saber, a 3, a 4 e a 5:

3. Em espetáculos de mágica, movimentos das mãos, com os quais o prestidigitador simula o aparecimento ou desaparecimento de objetos, ou sua substituição por outros.
4. Manobra oculta ou suspeita que visa à falsificação da realidade: Manipulação de fatos históricos.
5. Ato de influenciar uma pessoa ou uma comunidade, usando-se geralmente de pressão ou chantagem, de modo a levá-los a agir contra sua vontade (Manipulação, s.d.).

Conforme se verá no decorrer do artigo, não apenas pessoas, comunidades ou fatos históricos podem ser manipulados, mas também discursos também podem ser empregados com esse objetivo. Entre as diversas manifestações de discurso, talvez o religioso seja o mais suscetível de ser empregado com manipulação (Torresan, 2007, p. 95-105). Afinal, o enunciante do discurso religioso manipulador fala em nome de Deus, autoridade máxima do universo. Opera-se uma equação que, conquanto ingênua, acontece com muita frequência sem que se dela as pessoas se apercebam: quem fala em nome de Deus não pode ser questionado. Nas palavras de Citelli,

[...] o paroxismo autoritário chega a tal grau de requinte que o eu enunciativo não pode ser questionado, visto ou analisado; é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmará todas as outras vozes, inclusive daquele que fala em seu nome: o pastor (Citelli, 1997, p. 48)¹.

A manipulação discursiva é diferente da retórica, entendida como parte da arte do convencimento. A retórica, desde os tempos da Grécia clássica, é entendida como persuasão por meio da linguagem, utilizando argumentos que convençam os interlocutores e/ou ouvintes.² A retórica também não deve ser confundida com a sofística, que usa argumentos aparentemente verdadeiros, mas que na verdade não o são.

¹ A observação que Citelli fez usando como exemplo o líder religioso protestante – o pastor – aplica-se a líderes religiosos de quaisquer outras tradições religiosas.

² Assim entendida, a retórica é importante especialmente para vendedores, pregadores religiosos e políticos, três grupos que obrigatoriamente precisam *convencer* seus ouvintes ou correligionários a comprar ou aceitar algum produto ou alguma ideia.

O discurso em si é objeto de estudo da Linguística, em especial da Análise do Discurso, que pode utilizar diferentes ferramentas analíticas para investigar as construções ideológicas da linguagem. E, tal como afirmado, o discurso religioso pode ser usado como ferramenta para manipulação. Isso ocorre em todas as tradições religiosas, sendo mais facilmente observado em sociedades não secularizadas, nas quais o elemento religioso dispõe de muita força e influência. A manipulação no discurso religioso pode ter muitas motivações, mas com frequência, serve para atender ambições particulares do líder do grupo ou tradição religiosa. Como se verá na sequência da argumentação do presente artigo, o discurso religioso manipulador se serve de incutir nos ouvintes emoções, sentimentos, notadamente de medo e de ódio: o líder aponta para uma ameaça (quase sempre, inexistente) ao mesmo tempo que se apresenta como a única defesa ou salvação diante deste mal. Um prestidigitador das palavras, o líder religioso usa seu discurso para levar seus liderados a ter medo do que ele quer que eles tenham medo. Juntamente com o medo, o ódio: o discurso religioso manipulador leva a ter ódio da suposta ameaça. Na prática, o discurso de manipulação usa o elemento religioso como parte de sua estratégia de convencimento por ser a religião um dos elementos mais poderosos da cultura humana, de maior influência na vida das pessoas não secularizadas. Um discurso que apela para o transcendente tem muito mais peso na vida dos ouvintes que um discurso, por exemplo, de um professor de matemática em sala de aula ou de um médico em seu consultório. Quando o líder religioso é inescrupuloso o bastante para usar um discurso no qual se apresenta como representante incontestado da divindade, tem-se a combinação “perfeita” para produzir estragos emocionais e psicológicos na vida dos liderados, e, no plano comunitário, de esgarçar o tecido da sociedade. O já mencionado Torresan ajuda a entender a lógica por detrás do discurso religioso manipulador:

A forma como o pastor visualiza o fiel – o fiel que ele deseja – é muito próxima da forma como um publicitário vê um consumidor de um produto. Isso quer dizer que é preciso seduzir esse possível consumidor (fiel), conferindo-lhe algumas características positivas como “forte”, “corajoso” e, ao mesmo tempo, tentá-lo por meio do emprego de estratégias que o convençam a adquirir o produto, neste caso específico, o Deus idealizado pela igreja. Trata-se de um discurso que, a todo momento, tenta fazer com que o fiel saia da esfera do cognitivo e passe para a ação. Como em qualquer outro jogo propagandístico, o locutor de um discurso deve, além de levar em conta a imagem de seu interlocutor, considerar a imagem que faz de si mesmo a fim de conferir

maior credibilidade ao seu discurso (Torresan, 2007, p. 102)³.

Esta breve descrição ajudará a entender a proposta do artigo, que tem como Sitz im Leben a sociedade estadunidense, de matriz cultural e religiosa anglo-saxã e protestante. O presente artigo pretende apresentar um exemplo de um discurso de manipulação religiosa a partir de uma peça da cultura pop ou nerd: a graphic novel *X-Men: Deus ama, o homem mata* (Claremont; Anderson, 2003). O objeto de estudo escolhido é fictício, mas verossímil, no sentido que, mesmo tratando do subgênero textual das superaventuras de histórias em quadrinhos (HQs), se baseia em acontecimentos do nosso mundo, conforme afirmado por pressupostos da História Cultural, que serão explicitados adiante.

Analisar como as HQs refletem a realidade foi visto durante muito tempo como uma tarefa “indigna” de análise acadêmica. Afinal, trata-se de uma “paraliteratura” (que não deve ser confundida com infraliteratura) e material de cultura de massas, e não uma literatura canônica (ou alta literatura). Todavia, desde as análises pioneiras de Eco (1991) e, no Brasil, as de De Moya (1977) e, mais recentemente, Vergueiro (2009, 2017) HQs têm sido objeto de investigação por parte de linguistas, críticos literários, sociólogos, historiadores, teólogos e cientistas da religião, tendo sua cidadania acadêmica estabelecida e reconhecida⁴. No campo específico da Área 44 (Ciências da Religião e Teologia) de avaliação dos programas de pós-graduação da CAPES também já há pesquisas realizadas com rigor acadêmico que usam HQs como objeto de estudo, com destaque para a tese de doutorado em Teologia de Iuri Andreas Reblin (Reblin, 2015), que ganhou o Prêmio Melhor Tese da área do ano 2013.

Para fins deste texto, entendemos que a cultura de massa é a expressão que garante que a sociedade esteja a par do que está acontecendo naquele momento. Existe uma retroalimentação entre as duas partes: a indústria cultural recebe insumo temático, estético e político advindo de mazelas, problemas e/ou meros ocorridos sociais ao mesmo tempo em que a sociedade consome estes objetos de maneira a refletir sobre eles e sentir-se representado pelos olhos de diferentes

³ As referências de Torresan a “pastor” e “igreja” têm a ver com a Igreja Universal do Reino de Deus, objeto de estudo do seu artigo.

⁴ Como exemplo, pode ser citado o dossiê *Teologia e literatura no universo das histórias em quadrinhos*, de *Teoliterária*, periódico acadêmico dedicado à recepção de artigos que versam sobre a interface literatura e teologia e/ou estudos de religião (Manzatto; Caldas, 2019a e Caldas; Manzatto, 2019b). Foram tantos os artigos submetidos que foi necessário dividir o dossiê em duas partes.

artes e artistas.

Delineada a importância de se pensar o enredo da obra de ficção como elemento preponderante na análise das mudanças comportamentais e/ou políticas de nosso tempo, devemos entender a necessidade de se considerar o viés histórico de como esse modelo de cultura nos serve de corpus analítico. Para tanto, a História Cultural (HC) se debruça sobre as interpretações que advêm do simbólico.

O terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. Uma história cultural das calças, por exemplo, é diferente de uma história econômica sobre o mesmo tema, assim como uma história cultural do parlamento seria diversa de uma história política da mesma instituição (Burke, 2021, p. 9).

A partir do estabelecimento sobre o que versa a HC, há um caminho que pode ser trilhado ao adentrarmos o campo das histórias em quadrinhos. Assim, o papel da HC é o de apresentar a investigação das fontes, de “perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (Burke, 2021, p. 31).

Isto posto, pode-se prosseguir com a apresentação de como a mencionada HQ apresenta uma crítica a um discurso religioso manipulador.

1 O contexto da produção de Deus ama, o homem mata

Uma das características da Marvel Comics é o fato que, com frequência, seus personagens refletem de alguma maneira o contexto mais amplo (cultural, político, social, econômico, religioso) dos Estados Unidos da época em que foram criados. Por exemplo, o Doutor Estranho, o “Mago Supremo”, foi criado pelo desenhista Steve Ditko (1927-2018) em 1963,⁵ na época da Guerra do Vietnã, durante a chamada “contracultura”, o tempo da “Era de Aquário”, quando o Ocidente “descobria” tradições orientais como a meditação transcendental, a época em que George Harrison, dos Beatles ajudou a divulgar o Maharishi

⁵ Ditko (1927-2018) foi, juntamente com Jack Kirby (1917-1994), parceiro de Stan Lee (1922-2018) na criação de muitos dos mais conhecidos personagens do universo Marvel, como o Homem-Aranha.

Mahesh Yogi, líder indiano hindu de muito sucesso na época, e os livros de Lobsang Rampa (pseudônimo adotado por um canadense que alegou ter vivido muitos anos como um lama do budismo tibetano) como *A 3ª visão*, *Entre os monges do Tibet* e *A caverna dos antigos* aguçaram a curiosidade ocidental por temas como esoterismo e percepção extra sensorial. O *Pantera Negra*, o primeiro herói negro e africano das HQs mainstream, foi criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1966, na época do movimento da luta pelos direitos civis dos afro-americanos. *Shang-Chi, o “Mestre do Kung Fu”*, foi criado em 1973, o mesmo ano da morte de Bruce Lee, que popularizou no Ocidente a tradição das artes marciais chinesas. *Frank Castle, o “Justiceiro”*, um “exército de um homem só” contra o crime, foi criado em 1974 quando as taxas de criminalidade em Nova York estavam altíssimas⁶.

Estes exemplos mostram como a Marvel sabe “aproveitar” o momento para lançar heróis que são representações de desejos coletivos ou que expressam apoio ou crítica a uma ou outra tendência social. Com *Deus ama, o homem mata* não foi diferente. Conforme anotado por Daniel Rocha, se nos anos de 1960 os Estados Unidos viveram o auge do Flower Power hippie do movimento da contracultura, na década seguinte houve uma forte reação conservadora que levou o pêndulo religioso, cultural e social da nação para o outro extremo. Neste período, despontam televangelistas “com grandes recursos financeiros e de mídia, como Jerry Falwell, Tim LaHaye e Pat Robertson” (Rocha, 2020, p. 92). Além destes houve outros também, como Rex Humbard e, já no final daquela década e início dos anos de 1980, Jimmy Swaggart, sem embargo da menção do mais influente de todos eles, a saber, Billy Graham⁷.

Estas informações são úteis para que se compreenda o contexto da produção do arco de Claremont e Anderson. Os leitores originais não teriam dificuldade em, no mínimo, encontrar semelhanças ou estabelecer algum tipo de ponto de contato entre Stryker e os televangelistas que estavam no auge da

⁶ Não é coincidência que naquele mesmo ano de 1974 tenha sido lançado o filme “Desejo de matar” (*Death Wish* no original) com Charles Bronson no papel principal, cuja narrativa mostra um cidadão comum por nome Paul Kearsy (o personagem de Bronson) que após perder a filha e a esposa para assaltantes resolve fazer justiça por conta própria e sai toda noite à caça de bandidos e marginais, eliminando todos os que encontra, e obtendo sucesso tal em sua empreitada a ponto de fazer baixar as taxas de criminalidade de Nova York.

⁷ Para uma análise crítica da atuação destes televangelistas, com ênfase em seus envolvimento políticos, consultar Du Mez, 2022.

popularidade naquele momento. Muitos destes televangelistas eram (ou ainda são) defensores do ideário do Tea Party, a ala radical dos chamados “falcões” do Partido Republicano, cujas ideias principais são a descrença nas instituições públicas, o populismo, o liberalismo econômico, e a “defesa de valores tradicionais judaico-cristãos” (pelo menos, do que eles entendem que isto seja) e, conscientemente ou não, faziam e fazem uma mistura de elementos da cultura estadunidense com princípios cristãos, levando os fiéis a acreditarem que o evangelho de Jesus Cristo e as crenças do mencionado partido político são uma e a mesma coisa.

Na sequência do artigo serão apresentados os X-Men, uma síntese do enredo do arco e sua análise textual na perspectiva da manipulação do discurso religioso.

2 Sobre os X-Men

Quem são os X-Men, os personagens principais do arco ora analisado? No panteão da Marvel eles são um grupo de mutantes, isto é, humanos que nasceram com poderes que as demais pessoas “normais” ou “comuns” não possuem. Criados por Stan Lee e Jack Kirby em 1963, os mutantes são diferentes de todos os demais super-heróis porque são os únicos que nasceram com poderes. Os demais, ou são alienígenas (como o Surfista Prateado), ou entidades mitológicas (como o Thor), ou são manipulados geneticamente (como o Capitão América), ou usam tecnologias avançadas (como o Homem de Ferro) ou sofreram algum acidente com produtos radioativos ou extraterrestres que lhes conferiram habilidades fora do normal (como o Quarteto Fantástico, o Homem-Aranha e o Demolidor) ou têm poderes advindos da magia (como o Doutor Estranho) ou ainda, humanos sem qualquer poder ou tecnologia especial, mas altamente treinados em técnicas de combate corporal (como Frank Castle, o Justiceiro, ou Shang-Chi, o Mestre do Kung Fu).⁸ Nesse sentido, os X-Men não se enquadram em nenhuma destas categorias, já que nasceram com super habilidades.

Stan Lee tinha um gosto especial dar epítetos extravagantes a suas criações, tipo “O espetacular Homem-Aranha” (The Amazing Spider-Man), “O

⁸ Como os X-Men são da Marvel, todos os exemplos apresentados são do mesmo universo.

invencível Homem de Ferro” (The Invincible Iron Man) ou “O incrível Hulk” (The Incredible Hulk). Para os X-Men, ele usou o adjetivo uncanny (The Uncanny X-Men), palavra que significa algo como “estranho” ou “esquisito”.

Os X-Men são realmente esquisitos: um deles (Henry “Hank” McCoy, o Fera) virou uma espécie de lobisomem de pelo azul, com habilidade e força muito além de qualquer ser humano normal, mas dotado de uma alta capacidade intelectual. Outra (Ororo Munroe, a Tempestade)⁹ controla os fenômenos climáticos. O mais conhecido do público é Logan (nome adotado depois das experiências que foi submetido e lhe causaram a perda de memória, embora tenha nascido como James Howlett), que usa o codinome Wolverine.¹⁰ Ele possui uma capacidade de cura superacelerada, que permite, entre outras coisas, que seu envelhecimento seja extremamente lento. Ele foi submetido a uma experiência secreta do exército estadunidense, e teve seu esqueleto recoberto de adamantium, que no universo Marvel é um metal indestrutível. Acrescente-se a isso essa capacidade de cura, e o resultado é um indivíduo praticamente invulnerável (Caldas, 2016).

Esses são alguns dos exemplos que servem para mostrar a estranheza dessa super-equipe de personagens da Marvel. Suas histórias apresentam fases envolventes e com personagens que trazem diversas camadas, o que levou a equipe de mutantes a abordar temas sociais relevantes, servindo como uma alegoria para as lutas e experiências de grupos marginalizados pela sociedade.

No centro da criação dos X-Men está a luta contra o preconceito e a discriminação. Os mutantes, nascidos com habilidades extraordinárias, são frequentemente temidos e odiados pela população comum, que os vê como uma ameaça à sua segurança e modo de vida. Essa analogia com a discriminação racial, sexismo, homofobia e outras formas de intolerância é constante ao longo das histórias.

⁹ A personagem foi criada por Len Wein, em 1975, e faz parte de uma segunda geração de personagens mutantes.

¹⁰ O personagem foi criado por Roy Thomas, Len Wein, Herb Trimpe e John Romita, em 1974, numa história do Hulk. Posteriormente entrou para a equipe de mutantes da Marvel. Vale acrescentar que *wolverine* - “carcaju” em português - é um mamífero onívoro das florestas do norte do hemisfério norte (Sibéria, Escandinávia, Alasca e Canadá), de porte pequeno, mas extremamente agressivo, conhecido por atacar animais muito maiores, como lobos e ursos. Conforme o cânon da Marvel, Logan tem cerca de apenas 1,60 m de estatura, mas não teme enfrentar adversários muito maiores que ele, daí a inspiração para seu apelido, que praticamente se tornou seu nome.

Além disso, os X-Men representam a rica diversidade da humanidade, com personagens de diferentes origens étnicas, culturas e tradições religiosas, principalmente a partir da sua reformulação em 1975. Na equipe do Professor Charles Xavier, o líder do grupo, estão pessoas tão diferentes uma da outra quanto um alemão (Kurt Wagner, o Noturno), um russo (Piotr Rasputin, o Colossus), uma queniana (a já citada Ororo Monroe, a Tempestade), um canadense (o já citado Logan, o Wolverine), e um cajun¹¹ (Remy LeBeau, o Gambit) além de norte-americanos de origem anglo-saxã (como Scott Summers, o Ciclope, líder da equipe, e sua esposa Jean Grey, a Fênix). Essa representatividade tão variada, um autêntico microcosmos do mundo¹², é um instrumento que serve para promover a inclusão e combater a discriminação, mostrando que a diferença não deve ser motivo de medo ou ódio, mas sim de celebração. Os X-Men são uma metáfora para a luta de minorias em busca de reconhecimento, como os cristãos no Império Romano, perseguidos por serem “diferentes”. Os heróis lutam por direitos humanos básicos, como o direito à vida, à liberdade e à segurança, em um mundo que os exclui e marginaliza, simplesmente por serem diferentes, conforme dito anteriormente. Essa luta ecoa as lutas de grupos oprimidos em todo o mundo, inspirando resistência e esperança por um futuro mais justo e equitativo.

As histórias dos X-Men nos convidam a refletir sobre a natureza humana em suas diversas nuances. Por meio dos conflitos entre mutantes e humanos, somos confrontados com questões como preconceito, medo, ódio, mas também compaixão, solidariedade e esperança. Essa reflexão crítica é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e tolerante. Talvez por isso, os X-Men conseguiram transcender o universo dos quadrinhos, se tornando um fenômeno cultural de grande impacto por meio de séries de animação, filmes, videogames e outros produtos, suas histórias e personagens alcançaram milhões de pessoas ao redor do mundo, promovendo a discussão sobre questões sociais e inspirando gerações a lutar por um mundo melhor. Por tudo isso, por serem personagens

¹¹ Os *cajun* tecnicamente são estadunidenses, pois são de uma parte do estado da Louisiana, mas sua origem é francesa, e não anglo-saxã. São conhecidos por falarem um dialeto do inglês (*Cajun English*) e do francês (*Louisiana French*). Geralmente são muito orgulhosos de sua herança cultural, nitidamente distinta da anglo-saxã dominante no país.

¹² A riqueza do mosaico étnico, religioso e cultural da equipe dos X-Men faz lembrar o microcosmos que é o *Pequod*, o navio de *Moby Dick*, do romancista Herman Melville (publicado originalmente em 1851), cuja tripulação é formada por pessoas das mais diversas nacionalidades, etnias e tradições religiosas.

densos e complexos, com muitas camadas profundas (estão longe de serem personagens rasos), não é de se admirar que a franquia X-Men tenha sido (e continua a ser – haja vista, por exemplo, o presente artigo) objeto de investigação acadêmica por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento nas ciências humanas¹³.

3 Deus ama, o homem mata - síntese do enredo

A graphic novel X-Men: Deus ama, o homem mata trata de um assunto espinhoso: a intolerância, mais especificamente, a intolerância religiosa e, como já afirmado, a manipulação do discurso religioso. Todavia, há que se destacar que a história é profunda, e tem muitas camadas de interpretação. Como exemplos podem ser citados Caldas (2017, p. 70-90), Alvarenga, Gomes e Alves (2023, p. 131-148). Certamente há outras possibilidades de leitura, feitas a partir de outras abordagens teóricas a este mesmo arco.

A graphic novel teve o roteiro escrito por Chris Claremont (roteirista que se notabilizou por escrever histórias dos X-Men) e foi ilustrada por Brent Anderson, sendo publicada em 1982, nos Estados Unidos, pela Marvel Comics. No Brasil, a história teve diversas publicações. Sua primeira edição saiu em 1988, pela Editora Abril. Em 2003, a Panini Comics lançou sua edição e em 2014 relançou a publicação. Já no ano de 2023, a mesma Panini lança uma versão estendida com algumas páginas a mais, que Claremont revisou e refez, já que o artista entendeu que eram muito datadas e marcadas pelo preconceito racial em algumas falas de personagens.

A edição lançada pela Editora Abril teve uma autocensura. Morgado (2021, p. 222) afirma que “a edição de estreia de Graphic Novel vinha com a história dos X-Men chamada ‘God loves, Man Kills’ (Deus ama, o homem mata), mas no Brasil a aventura foi traduzida com ‘Conflito de uma raça’. O título original não pôde ser traduzido ao pé da letra”.

Foi uma censura própria, na direção da redação. Na época, o diretor de redação era o Cláudio Marra. Ele, além de diretor, também era pastor. E achava que não era de bom tom usar em um título de uma revista popular as palavras “Deus e Mata” (Del Manto apud Morgado, 2021, p. 222).

¹³ Inter alia, Miller (2003, p. 282-290), Lecker (2007, p. 679-687), Housel e Wisnewski (2009), Darowski (2014).

Morgado comenta que a história sofreu alterações na edição brasileira de modo a não ofender a fé cristã. Anos depois a Panini ao assumir a publicação dos quadrinhos da Marvel no Brasil decidiu publicar o texto o mais fiel possível à edição em língua inglesa.

A obra possui uma grande importância dentro do universo dos X- Men. Em 1982, a graphic novel apresentou discussões relevantes para a sociedade. O título é readaptado seguindo o original: X-Men: Deus ama, o homem mata, como é conhecido até hoje.

Na história, os alunos do Professor Xavier, os X-Men precisam enfrentar uma ameaça que se apresenta em duas frentes: uma milícia mortal (um grupo que se intitula Os Purificadores) que mata e persegue mutantes, e um pastor carismático (sociologicamente falando) o Reverendo Stryker, que faz uma leitura deturpada da Bíblia, pregando medo dos e ódio aos mutantes.

A narrativa de intolerância é recontada, marcada por um dualismo maniqueísta (humanos sem poderes, bons x humanos com poderes mutantes, maus) e pela ignorância que gera o medo e os conflitos. Assim, a história se vale de conflitos que envolvem o fundamentalismo religioso de matriz protestante e o poder dos meios de comunicação.

A brutalidade dos “Purificadores” é apresentada logo no início da narrativa: quando duas crianças mutantes fogem desesperadas, sem entender o motivo da perseguição e porque são alvo de tanto ódio. A cena é chocante: uma menina com lágrimas nos olhos vê o seu irmão assassinado e pergunta “Por que?”. Vale destacar que as crianças são negras, o que estabelece um paralelo com as questões raciais nos Estados Unidos. Quando o mutante Magneto (o “Mestre do Magnetismo”) encontra o corpo das crianças é tomado pelo ódio, que ele já manifestava contra os não mutantes, o que aumenta ainda mais seus motivos para lutar pelos mutantes.

Quem está por trás da milícia é o televangelista William Stryker, um líder religioso atormentado pelo seu passado e que vê na religião uma forma de agir com crueldade. Ele distorce textos bíblicos e manipula a mensagem cristã,

transformando seus fiéis em perseguidores de mutantes. Seu discurso se apresenta “legítimo” porque usa textos das escrituras sagradas cristãs, mas o faz de maneira deturpada e distorcida, para incitar o ódio e a intolerância. Quanto a isso, anotou-se:

[..] em um programa televisivo com alcance nacional, Stryker cita Apocalipse 13.16: “E fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um sinal... o número da besta” (Apocalipse 13.16)¹⁵. Na interpretação de Stryker, o número da besta, o número do mal, é a carga genética mutante, que deve ser eliminada do planeta. Na sequência, Magneto irrompe no auditório onde o programa está sendo transmitido, e Stryker o enfrenta citando Apocalipse 13.10 e 15: E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro. E falava como dragão. Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta para... que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta... Mas o fogo virá de Deus a partir dos céus para devorá-lo! O demônio será lançado num lago de chamas e enxofre a fim de ser de dia e de noite atormentado pelos séculos dos séculos. Com a confusão que se inicia, Stryker segue citando textos bíblicos: “E se andares contrário a Deus, eu também andarei contrariamente para convosco. E eu, eu mesmo vos ferirei sete vezes mais, por causa dos vossos pecados” (Levítico 26.21) e “A alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.20). [...] a leitura bíblica de Stryker é seletiva: ele convenientemente escolhe os textos que entende são adequados para “justificar” seu projeto de extermínio (Caldas, 2017, p. 82-83).

Mas há que se atentar para um fator complicador: Stryker é sedutor, eloquente, cativante, e por tudo isso, logra êxito em conseguir seguidores em sua cruzada antimutante. Todavia, uma análise deste fenômeno religioso e social não pode ignorar o fato que a massa de seus seguidores não é meramente passiva e receptiva. Conscientemente ou não, seus ouvintes se identificaram com sua mensagem de ódio. Em outras palavras: Stryker não fez uma *creatio ex nihilo*: a partir de um “material pré-existente” no coração e na mente do seu público-alvo, material este formado por temores e recalques, sua pregação alcançou sucesso notável.

Durante a história há momentos importantes, como por exemplo, quando uma mulher negra sugere que a mutante Kitty Pride ignore as palavras cheias de ódio do pastor, mas a jovem X-Men comenta que o termo “mutuna” é igualmente agressivo e preconceituoso como “crioulo”. Esta cena mostra o quanto as palavras podem ser usadas para destruir outras pessoas. A narrativa mostra um conflito que não é necessariamente de forças e poderes, mas de ideias, que promovem perseguições inspiradas pelo discurso religioso manipulador de Stryker.

Enquanto isso, o pastor Stryker age nas sombras, longe dos holofotes do público, em seu foco de acabar com os mutantes. Em um determinado momento da história, é mostrada uma simulação de tortura na mente de Xavier, em que ele é representado com Cristo, enquanto é castigado. Tudo isso busca acabar com a sua esperança nos mutantes. A motivação de Stryker parece ser a de agir motivado por achar que está seguindo a vontade de Deus.

Xavier ainda mantém a esperança na coexistência entre mutantes e humanos, enquanto Magneto, por causa da perseguição sofrida em seu passado, não é tão otimista, vendo a realidade de forma desesperançada.

É revelado que o pastor teve um filho mutante, que acabou sendo assassinado pelo próprio pai. Por fim, o pastor termina a narrativa desmascarado pelo uso manipulador das Escrituras.

4 Análise de X-Men: Deus ama, o homem mata

Na introdução da republicação de 2003 (publicada no Brasil em 2014), Chris Claremont, seu roteirista, fez uma afirmação que, conquanto longa, merece ser reproduzida por conta de sua clareza:

Então, lá estávamos no início da década de 1980. Ronald Reagan era o presidente dos EUA e uma onda de conservadorismo varria a nação: uma reação da parte mais tradicional da América contra as atitudes hedonistas e não patrióticas dos anos 1960 e 1970. De acordo com aquelas pessoas, o país estava retornando às suas fundações, tanto política quanto moralmente. Liderando o ataque - e, por extensão, a avalanche de críticas ao estilo de vida "esquerdista" reinante em Nova York e Los Angeles - estava um bando de teleevangelistas, propagandeando em todas as frequências sua renovada visão fundamentalista sobre a Bíblia [...]. A visão que muitos desses pastores advogavam era purista e bem definida. A Bíblia seria a fonte da sabedoria, o caminho para a salvação não somente para a alma dos paroquianos, mas, por intermédio deles, para toda a nação. Esse tipo de credo alegava oferecer uma alternativa mais viável, vital e relevante do que as denominações mais tradicionais. [...] Apesar de declarações públicas de diversos daqueles pastores reconhecendo a necessidade da tolerância - e a admissão de que os Estados Unidos eram e são uma sociedade plural -, permanecia uma impressão, pelo menos para meus ouvidos, de "faça o que eu digo ou dê o fora". Ou você aceitava a Palavra de Deus por inteiro e sem reservas, ou você não a aceitava. E, se assim fosse, estaria condenado. Ao mesmo tempo, aqueles religiosos começavam a avançar com sua agenda política e social, amplamente apoiada, na esperança de remodelar o país de acordo com sua fé. [...] Tínhamos pastores pedindo - ou poderia-se dizer, exigindo - confiança absoluta de seus fiéis, fé absoluta na verdade do que estava sendo pedido a eles, e a confiança de que a causa que seguiam era justa e

correta. [...] Para mim, esta história surgiu na época em que as vozes da intolerância casual espalhavam-se pelo país; na qual visões de mundo fora do que era considerado a corrente de pensamento dominante podiam ter consequências sérias e duradouras. Com William Stryker, quis criar um homem de fé de quem a sinceridade não pudesse ser questionada. Ele é honesto com suas crenças, mas elas o levam por um caminho que pode trazer repercussões terríveis e permanentes para um segmento significativo da população. Com os X-Men, quis representar povos de culturas e fés diferentes - Noturno é um católico convicto e Kitty Pryde, uma judia - e, mesmo assim, esse aspecto de sua vida é completamente ignorado em nome do que Stryker acredita ser a realidade primal de suas existências: eles são mutantes. Nada mais importa (Claremont, 2014, p. 7).

X-Men: Deus ama, o homem mata é uma história diferente das demais do grupo dos mutantes. Pois nesta história, o vilão não é Magneto, amigo de Xavier, mas que não compartilha dos ideais pacifistas dele (a propósito, há que se destacar que Xavier e Magneto podem ser associados a metáforas de, respectivamente, Reverendo Martin Luther King Junior e Malcolm X - ambos querem a mesma coisa, mas por caminhos totalmente diferentes, pois enquanto King Junior prega a paz entre negros e brancos, Malcolm X prega a luta armada), nem o mutante maligno Apocalypse (considerado o mutante mais antigo do mundo, pois nasceu há cerca de 5.000 anos) nem a Irmandade dos Mutantes (um grupo de mutantes que usa seus poderes para fins criminosos). Claremont inova com esse roteiro, sai da “mesmice”, por assim dizer, ao criar uma história na qual o vilão não é um alienígena ou um mutante perverso, mas um líder religioso.

Stryker é apresentado como um bom orador, dono de uma retórica elaborada, acostumado a lidar com a televisão. Ao mesmo tempo, não tem o menor constrangimento em manipular as Escrituras, selecionando textos para justificar suas ideias, em sua cruzada genocida com os mutantes. Ele distorce a fé, pregando a aniquilação dos “diferentes” como um ato divino, cegando seus seguidores com seu discurso que infunde ódio e medo. Além disso, tem uma vida oculta tenebrosa: é dono de uma milícia paramilitar, os “Purificadores”. A “purificação” do grupo de Stryker é obtida pela eliminação violenta dos “diferentes”, no caso, os mutantes. Eles são movidos por fervor religioso e se tornam instrumentos de violência. Assim, executam mutantes com brutalidade, sem questionar as ordens de seu líder, e ainda atribuindo as ações aos desígnios divinos. Tudo isso trará consequências devastadoras.

A pregação de Stryker apelava para um ideal imaginado e imaginário de

pureza, uma sociedade que supostamente seria superior por não ter em seu seio pessoas “diferentes” como os mutantes.

Nós somos seres da criação divina. No entanto, há em nosso meio aqueles cuja existência é uma afronta a essa divindade. Deus criou o homem...A raça humana! A Bíblia não faz menção a mutantes. Assim sendo, de onde eles vêm? Alguns... chamados cientistas, humanistas dizem que são parte do processo natural da evolução. (...) Isso é normal? Eu digo não! Eu digo jamais! Nós somos como Deus nos fez! Qualquer desvio deste templo sagrado. Qualquer mutação. Não pode vir do céu, mas do inferno! (Claremont; Anderson, 2003, p. 51).

Este discurso aparentemente piedoso produz violência e morte. O discurso carregado de fanatismo de Stryker leva a um conflito sangrento entre os X-Men e os Purificadores. A graphic novel não se esquivava de mostrar a brutalidade da violência religiosa, expondo suas consequências terríveis. Nesse sentido, o fundamentalismo pode levar à desumanização do outro, criando um ambiente propício para a violência e a atrocidades¹⁴.

Com seu discurso, Stryker manipula a fé de seus fiéis, selecionando cuidadosa os textos bíblicos que corroboram com suas pressuposições. Ele deturpa as mensagens de amor e compaixão do cristianismo para justificar seus atos cruéis, demonstrando como crenças podem ser usadas para legitimar atos de ódio e intolerância.

A obra apresenta ainda questionamentos morais. X-Men: Deus ama, o homem mata levanta questionamentos sobre a natureza da fé, da moral e da responsabilidade individual. Os personagens são confrontados com dilemas éticos complexos, forçando-os a questionar suas crenças e tomar decisões difíceis em face do fanatismo e da violência.

Neste sentido, a obra representa um tipo de símbolo da intolerância, o que é um reflexo da realidade já que a graphic novel se destaca por sua crítica social pungente, retratando o fundamentalismo que se vale da manipulação do discurso religioso como uma força perigosa que pode levar à violência e à discriminação.

¹⁴ *Fundamentalismo* é uma palavra que se tornou bastante conhecida, dado o uso constante da mesma pela imprensa e pelas mídias sociais. Todavia, tal uso não raro tem sido feito de maneira um tanto elástica, sem precisão conceitual. A bibliografia técnica a respeito é vasta, e seria impossível apresentar aqui uma lista exaustiva de obras a respeito. Mas de maneira sugestiva podem ser citadas: Sandeen, 1967, p. 66-83; Dreher, 2002; Marsden, 2006; Ruthven, 2007; Bellotti, 2008, p. 55-72; Campos e Silva, 2017, p. 3-19.

A história serve como um lembrete de que a intolerância e o ódio, quando mascarados por crenças religiosas, podem ter consequências trágicas.

Apesar de ter sido publicada em 1982, a mensagem de Deus ama, o homem mata permanece mais atual e relevante que nunca. O fanatismo alimentado por um discurso religioso que manipula as consciências, os corações e as mentes dos fiéis continua a ser um problema real não apenas no contexto estadunidense, mas, mais que isso, sem qualquer argumentação de teor hiperbólico, no mundo inteiro. Sendo assim, a graphic novel serve como um alerta sobre seus perigos e um convite à reflexão crítica.

A manipulação do discurso religioso pode ser destacada, por exemplo, quando Stryker usa frases de efeito para justificar sua cruzada contra os mutantes, como exemplificado na fala: "Mutantes são uma abominação aos olhos de Deus! Eles devem ser purificados!" Esse tipo de discurso é prática comum é eficiente: textos bíblicos são selecionados e interpretados de forma tendenciosa para validar crenças preconceituosas e levar os fiéis a sentir e a fazer o que os enunciadorees do discurso religioso manipulado querem que eles sintam e façam.

Stryker e seus seguidores se veem como agentes da vontade divina, justificando a violência contra os mutantes como um ato de "purificação" moral.

A manipulação do discurso religioso feita por Stryker também faz uso da violência. A fé é utilizada como justificativa para a violência extrema, como na fala de Stryker: "É nosso dever divino eliminar essa ameaça mutante!" O fundamentalismo frequentemente se associa à violência, utilizando-a para impor suas crenças e eliminar aqueles considerados "infiéis".

Considerações finais

X-Men: Deus Ama, o Homem Mata oferece uma análise profunda e perturbadora dos riscos sociais e pessoais que podem ter lugar em uma sociedade na maneira inescrupulosa o discurso religioso é manipulado. Para tanto, utiliza elementos ficcionais para explorar suas características, motivações e consequências devastadoras. Por intermédio da obra, somos convidados a refletir sobre os perigos advindos de um discurso religioso que é manipulador das

consciências de pessoas que, embora sinceras em suas crenças, acriticamente engolem-no. Assim, manipulados por líderes religiosos inescrupulosos, são convencidos a odiar o “outro”, o “diferente”, e até mesmo a fazer uso de violência, simbólica e/ou física, para cancelá-lo e/ou eliminá-lo.

Tal como afirmado no início do artigo, a sociedade estadunidense tem no religioso um elemento de influência muito poderosa e de grande alcance. E também como já afirmado, o discurso religioso, em toda e qualquer tradição religiosa, em todo e qualquer momento da história e em toda e qualquer latitude pode facilmente ser deturpado para ser manipulado, visando atender aos interesses de quem o divulga. Neste sentido, o alerta e a denúncia de Deus ama, o homem mata, de Chris Claremont e Brent Anderson continuam sendo relevantes, não apenas para o contexto dos Estados Unidos, mas também para o contexto brasileiro. Especialmente nos últimos dez anos (ou menos) a sociedade brasileira vê líderes religiosos de grande visibilidade midiática que com discursos inflamados xingam, ofendem e insultam quem não compartilha de suas preferências político-ideológicas, incentivando seus seguidores a odiá-los. E dizem fazer isso “em nome de Deus”.

Décadas depois de seu lançamento, a mensagem do arco de Claremont e Anderson segue oportuna e provocativa. Mais que apenas leitura para distração e diversão, também é instigante, e até mesmo perturbadora, configurando-se assim como literatura de nível elevado.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. GOMES, Nataniel dos Santos. ALVES, Wellington Nascimento. O fundamentalismo cristão que apavora e manipula o universo dos X-Men: Deus ama, o homem mata. **Correlatio**, p. 131-148, 2023.

BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo norte-americano e a reconstrução dos ‘valores familiares’ pela mídia (1920-1970). **Mandrágora**. Volume 14, p. 55-72, 2008.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CALDAS, Carlos. X-Men: Apocalipse. **Ultimato Online**. 27 jun 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/x-men-apocalypse#caldas>. Acesso: 25 jun. 2024.

CALDAS, Carlos. Das HQ's como discurso teológico: análise de X-Men – Deus ama, o homem mata, de Chris Claremont na perspectiva da soteriologia de Paul Tillich. **Teoliterária**. Vol. 7, N. 14, p. 70-90, 2017.

CALDAS, Carlos; MANZATTO, Antonio. TEOLOGIA E LITERATURA NO UNIVERSO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS – 2ª. Parte. **TEOLITERÁRIA - Revista de Literaturas e Teologias**, v. 9, n. 19, p. 5-12, dez. 2019b.

CAMPOS, Breno Martins; SILVA, Saulo Inácio da. As várias faces do fundamentalismo protestante no Brasil. Por uma discussão terminológica e conceitual. **Protestantismo em Revista**. V. 43, N. 17, p. 3-19, 2017.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 11ª edição. São Paulo: Ática, 1997.

CLAREMONT, Chris (argumento); ANDERSON, Brent (arte). **X-Men – Deus ama, o homem mata**. Barueri: Panini, 2003.

CLAREMONT, Chris. Introdução. **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Barueri: Panini, 2014.

DAROWSKI, Joseph J. **X-Men and the Mutant Metaphor**. Race and Gender in the Comic Books. Plymouth: Rowman and Littlefield, 2014.

DE MOYA, Álvaro. **Shazam**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

DREHER, Martin N. **Para entender fundamentalismo**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

DU MEZ, Kristin Kobes. **Jesus e John Wayne**. Como o Evangelho foi cooptado por movimentos culturais e políticos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2022.

ECO, Umberto. **O Super-Homem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HOUSEL, Rebecca; WISNEWSKI, J. Jeremy (orgs). **X-Men e a filosofia**. Visão surpreendente e argumento fabuloso no X-verso mutante. São Paulo: Madras, 2009.

LECKER, Michael J. “Why Can’t I Be Just Like Everyone Else?”: A Queer Reading of the X-Men. **International Journal of Comic Art**, 9, N. 1, p. 679-687, 2007.

MANIPULAÇÃO. In: AULETE. *Dicionário Online*. Rio de Janeiro: Lexicon. Disponível em: <https://aulete.com.br/manipula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 27 jun 2024.

MANZATTO, Antonio; CALDAS, Carlos. Editorial: Teologia e Literatura no Universo das Histórias em Quadrinhos. **TEOLITERÁRIA - Revista de Literaturas e Teologias**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 5-16, set. 2019a.

MARSDEN, George. **Fundamentalism and American Culture**. 2nd Edition. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MILLER, P. Andrew. Mutants, Metaphor and Marginalism: What X-actly do the X-Men Stand For? **Journal of the Fantastic in the Arts**. Vol. 13, N. 3 (51), p. 282-290, 2003.

MORGADO, Alexandre. **Marvel comics: a trajetória da casa das ideias no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Splash Books, 2021.

REBLIN, Iuri Andreas. **O alienígena e o menino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ROCHA, Daniel. Da “minoría silenciosa” à Maioria Moral: transformações nas relações entre religião e política no fundamentalismo norte-americano na década de 1970. **Religião e Sociedade**. 40 (1): 91-113, 2020.

RUTHVEN, Malise. **Fundamentalism: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SANDEEN, Ernest R. Toward a Historical Interpretation of the Origins of Fundamentalism. **Church History**. Vol. 36, N. 1, p. 66-83, 1967.

TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. **Dialogia**. Vol. 6, p. 95-105, 2007.

VERGUEIRO, Valdomiro. **Muito além dos quadrinhos**. São Paulo: Devir, 2009.

VERGUEIRO, Valdomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.